

BRASIL-PORTUGAL

16 DE SETEMBRO DE 1904

N.º 136

Manobras militares no Bussaco



No alto de Vallongo (Breda) — Assistindo ao combate do Criz — S. M. a Rainha, conversando com El-rei

Manobras do Bussaco

O *Brasil-Portugal*, pessoa seria e pacata, poz d'esta vez de parte o seu aspecto pacifico, apertou o cinturão de guerrilheiro, herdado de um velho meliciano de 1810, poz ao hombro a escopeta de carregar pela bôca, encheu de forte aguardente de medronho o seu cantil inspirador de heroismos, e, montando um burro do Luso, seguiu serra do Bussaco acima entre duas baterias de artilharia para a missa campal a preparar a sua alma paisana para as batalhas que evocariam a ultima invasão franceza, os mallogrados ataques de Massena, as investidas de Wellington com os seus inglezes arrojadados e os morenos soldadinhos das heroicas legiões portuguezas.

N'essa matta frondosa como que pairavam ainda os canticos dos carmelitas do seculo XVII, confundidos nos brados de victoria do exercito alliado — palavras de paz resvalando pelos troncos dos cedros, vozes de commando e gemidos subindo do Mosteiro aos planaltos, que as aguias de Napoleão não poderam galgar. Que bello ar marcial, n'essa subida da serrania, levavamos — o exercito vergando ao peso das mochilas, nós bifurcados n'um pacifico jerico! Regressassemos aos velhos dias das batalhas e esses 6.000 homens obrariam prodigios de valor, e nós mesmos iriamos na onda das valentias, se as balas fossem de *lana*, como disse o pobre general andaluz quando nas linhas do Guadiana uma bala ida de Castro Marim lhe desfez o arcaboicoço.

Dia de sol glorioso o da missa campal, ao alto de Bussaco, esfumando-se nos longes as serras da Estrella e do Ca-

ramulo, dominando os cabeços inferiores coroados de pinhaes, as escarpas, os desfiladeiros, os valles apertados. Os olhos iam enlevados n'esse vasto planalto em que tomaram posições as forças do exercito anglo-luso em 1810 e a cuja linha as nossas tropas davam agora o flanco direito, hirtas, silenciosas, reverentes, voltadas para o altar em que vigorosamente se destacava a figura austera e doce do Bispo Conde. Espectaculo imponente e unico n'esse scenario grandioso, tendo por doce o azul puro do céu e por publico mais de seis mil sol-



Na missa campal. — El-rei, Principe Real, Infante D. Afonso, ministro da guerra e Estado Maior, em 4-9-904

dados de armas refulgentes e trinta mil pessoas ajoelhadas em grupos pelas encostas dos montes n'um recolhimento religioso imposto pela empolgante solemnidade do acto. Nem o zumbir de uma abelha nas giestas da serra quebrou o silencio quando o venerando bispo de Coimbra, voltado para es reis de



Regimento de infantaria em marcha pela serra em direcção ás posições de Moura, em 6-9-904

Portugal e abrangendo de alto, no mesmo olhar paternal, a enorme massa de povo, proferiu com voz forte e commovida uma allocução de incitamento ao exercito, singela pela forma, eloquente pela intenção de patriotismo que enche a sua alma de portuguez.

Desastradamente perfilados a dois passos de infantaria 1, n'um sonho de recruta com aspirações a galões de major, ficámos a pé firme em toda a revista, olhos postos na familia real e no luzido cortejo, e marchámos depois em continencia, impassiveis como veteranos, e descemos a serra corajosamente, a pé, forjando o plano de assentar praça, antes da batalha de Mortagua, e de almoçar no Luso com um appetite de recruta.

O sol do dia 5 veiu surprehender-nos nas margens do Oriz, onde se travou a rija lucta dos exercitos de Massena e Wellington, e ao pé do sitio em que o *maneta* Loison fez construir a celebre ponte para forçar a passagem do rio. Os nossos impulsos bellicos haviam esmorecido consideravelmente perante as marchas, a poeira, e a recuada perspectiva de umas problematicas divisas de cabo de esquadra. Esgueirámos nos, pois, prudentemente para um alto fóra de alcance, e de lá, oculo em punho como estrategico generalissimo, seguimos passo a passo o avançar figurado das tropas francezas e a defeza que representava as forças de Pack. O povolêu que enfeitava os cabeços teve n'esses ataque e defeza reconstruidos, uma ideia nitida do que foi a celebre batalha do primeiro quartel do seculo passado. Faltaram apenas as balas a valer e os mortos a valer, mas admirou-se o garbo, a galhardia e a disciplina dos nossos soldados, e a pericia e instrucção dos officiaes das varias armas, que n'estes exercicios, pondo os olhos nas invejinhãs de Ney, e nos despeitos de Junot — ambos apostados em desacreditar o *filho querido da victoria* — se dera mas mãos, fugiram da intriguinha de classe como o diabo fugiu da cruz, e, formando uma familia muito unida e muito amiga, se ligaram para o bom exito do plano. Era ouvil-os depois.



No alto de Sulla. — Grupo de officiaes e povo — 6-9-904

Quedamo-nos a ver, estarecidos, a brilhante retirada de infantaria 23, que defendia as escarpas da serra no desfila-deiro da Breda, pelo flanco esquerdo, trepando linhas successivas de alturas, como se aquellas columnas fossem ajustadas e impellidas por uma regua colossal. E o ataque destemido de infantaria 7, escalando o monte India n'um impeto igual, trazendo-nos á memoria este mesmo 7 temivel que fez parte, em 1810, da brigada portugueza de Coleman! E o rapido movimento envolvente feito sobre o flanco direito da defeza por um troço de cavallaria, levada de repellão pelo algarvio Cabrita, tenente do Estado Maior! E os trinta kilometros (a maior *étape* que nos ultimos exercicios as nossas tropas tem percorrido) palmilhados pelos varios contingentes e que nós contámos de carruagem! E os capellães militares, correctos, de sobrecasaca negra, chapéu de borla a dar a dar, bota lustrosa, coisas a tiracollo, sem um atomo de poeira, barbeados e lindos, colleando por entre as columnas, descendo collinas, cadenciados e serenos, pondo uma nota janota no grande scenario!

Decididamente os nossos brios aqueciam a olhos vistos e a ideia de ligar os nossos destinos á caserna dos bravos arreigava-se. Ponto assente o nosso alistamento na fileira. Seriamos galuchos heroicos e, como Marbot, ajudante de Massena, escreveriamos em dois rufos umas *Memorias* epicas. Assim logo na madrugada de 6 fomos em cata do general. Mas o general partira para a guerra a dirigir o combate de Moura.

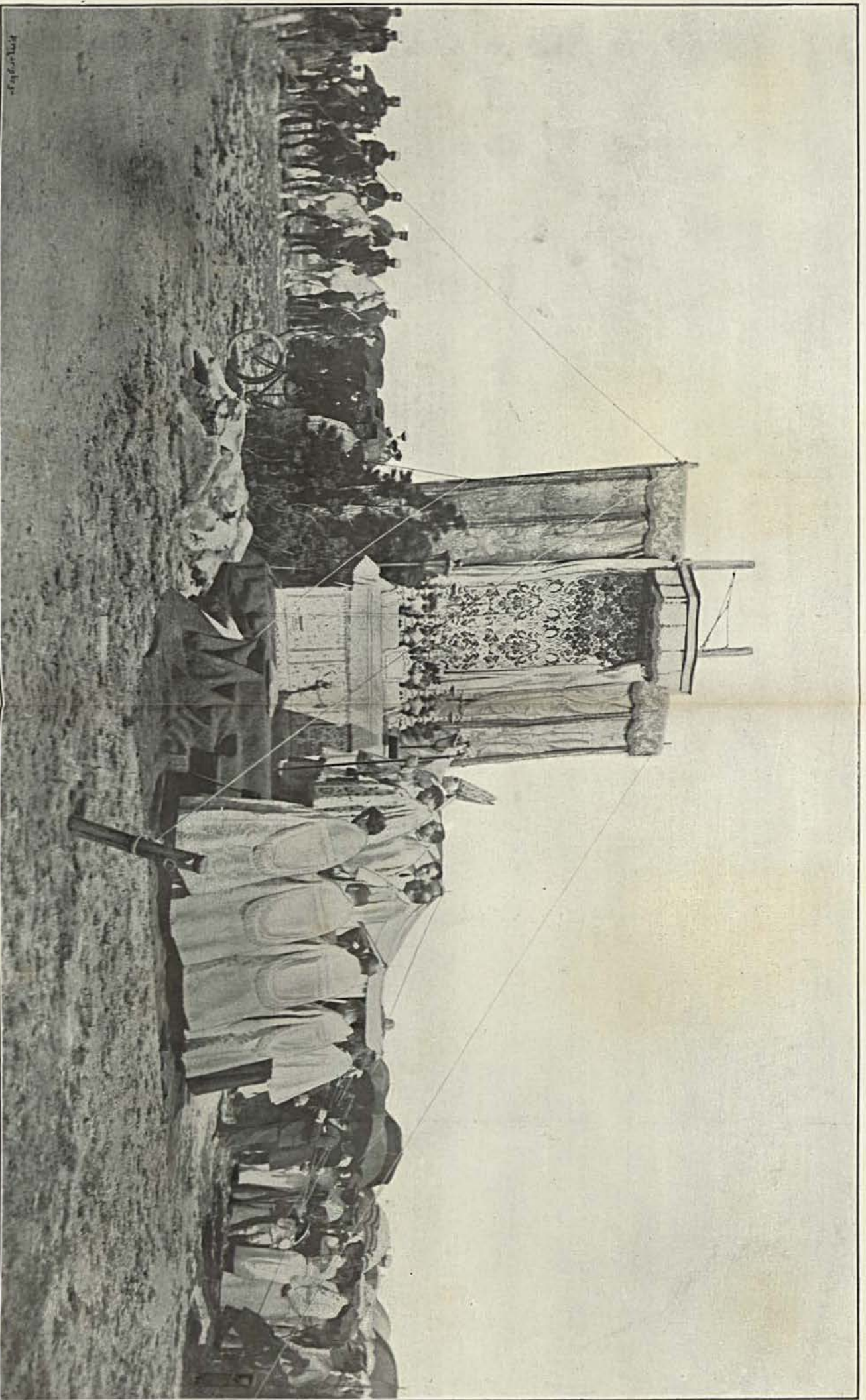
Ao alto de Sulla . .

Bello ponto de observação para as pelepas do ultimo dia! N'esse planalto, á beira da escarpa dominava-se pittoresca paisagem. Ao topo, em vasta linha, curvados sobre os pinhaes e montes alcandorados, ondas compactas de curiosos, officiaes não combatentes, ordenanças correndo, cavallos encarrapitados em pedregulhos, *pic-nics* ao ar livre nos fôfos das relvas, oiros de galões e bainhas em brilhos fugidios,



Infantaria 23 da 9.ª brigada na encosta de Sulla, fazendo fogo, em 6-9-904

MANOBRAS MILITARES NO BUSSACO



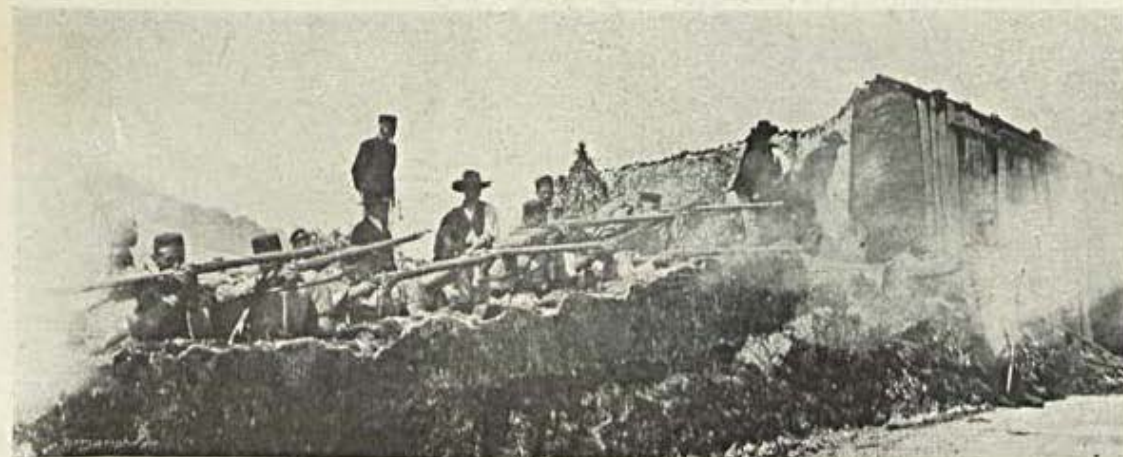
A missa campal no planalto do Bussaco, em 4-9-1810. — O Bispo Conde de Coimbra, começando a sua allocução



El-rei D. Carlos, Príncipe Real, Infante D. Affonso e Ministro da Guerra, a cavallo, antes da revista

Ao centro, a descer, a Rainha, muito esvelta, o Rei, alto, forte, vendendo saúde e alegria, o Príncipe Real, revelando na sua elegancia nata uma musculatura de aço, o Infante D. Affonso, com um ar marcial, o ministro da guerra, myope como Massena e como elle energico, um estado maior catita com cabellos grisalhos e bigodinhos adolescentes, machinas avidas de photographos alvejando motivos, damas corajosas em demanda de olhares soberanos, e, algures, julgámos entrever, resuscitado, o flamante general Montrun de espectacular memoria: era um illustre militar hespanhol, muito correcto, muito bem posto em azul, a admirar a tactica da nossa tropa aguerrida.

E era de facto pittoresca a situação da defeza com fogos em andares pelos contrafortes da serra; a cavallaria vigilante nos flancos, os seus postos de honra, essa cavallaria de gloriosas tradições que vêm de longe, da historia que lhe cita as cargas violentas e arrojadadas e agora presa á inacção pela sinuosidade dos terrenos asperos; a artilharia enquadrada com a infantaria, com as suas baterias commodamente aninhadas em camas de urzes. E em baixo, garantindo a zona de liberdade e de manobra, os postos avançados: aos nossos pés os do 23 em linha cerrada, estendendo se, deitados, ao longo dos vallados e tojaes, até ao moinho dos Mouros, as alturas de entre os valles de Muljoso e Teresoi coroados de forças disfarçadas, fazendo frente ás orlas dos pinhaes.



Na povoação de Sulla, — Infantaria em fogo

Nada de nebrina como em setembro de 1810. Nada das manchas vermelhas das fardetas inglezas. Tudo aquillo era portuguez — o sol, e as bandeiras desfraldadas dos regimentos, a polvora com fumo e as vozes de commando.

Quando o fogo se abriu, e os echos repetiram os sons das descargas as nossas almas vibraram de entusiasmo e os nossos olhos puzeram-se enterrecidos nos soldados que frigiam lá em baixo nas chapadas, ao sol. E logo resolvemos não abdicar da nossa liberdade nas mãos do general, que muito do intimo applaudimos e felicitamos por essa peleja em que os fogos nutridos, rythmados, matematicos, e as variadas evoluções das tropas nos deram a nota do gráu de instrucção militar dos nossos soldados.

— Mas, meu general, se um dia houver por ali alguma invasão estrangeira, conte com o nosso lapis de chronista e com o nosso trabuco antecipadamente heroico.

Seria injustiça não frizar um applauso insuspeito de paisanos com almas de soldados ao organisador das manobras ultimas — o ministro da guerra, que tudo previu, e venceu a despeito das grandes difficuldades com que soube arcar. Ahí fica com toda a nossa simplicidade de profanos. E' menos ruidoso que o de certa dama guerreira



S. M. a Rainha, Ministro da Guerra, tenente coronel Albuquerque, major Fernando de Serpa e outros officiaes, no extremo do planalto do Bussaco

que, ao Alto de Sulla, com a sua vozinha musical, lhe cantou um viva entusiasticamente palaciano, mas não vale menos pela intenção de justiça.

Todas as photographias hoje reproduzidas são do nosso habilissimo collaborador, sr. Benoiel, excepção feita de quatro gentilmente offerecidas pelo distincto e intelligente official de estado maior, João Santos.

Por chegarem tarde publicaremos no proximo numero grupos curiosos tirados no Bussaco.

A mula do papa

De todas as bonitas máximas, provérbios ou adágios com que os nossos camponeses da Provença costumam semear os seus discursos, não conheço nenhum mais pittoresco nem mais singular do que este. Em quinze léguas em torno do meu moinho, quando se fala d'um homem rancoroso, vingativo, diz-se: *Desconfiem d'e-te homem!... é como a mula do Papa, que guarda sete annos o seu coice*.

Procurei muito tempo d'onde este proverbio podia vir, o que era esta mula papal e este coice guardado durante sete annos. Ninguém por aqui me esclareceu sobre este ponto, nem mesmo Francet Mahi, o meu tocador de pifano, que contudo conhece o seu legendário provençal nas pontas dos dedos. Francet pensa, como eu, que deve haver lá no fundo alguma antiga chronica do país d'Avignon; mas só se lembra de ter ouvido falar no proverbio...

— "Onde o sr. encontra isso é na bibliotheca das Cigarras", disse-me, rindo, o velho tocador de pifano.

A idéa pareceu-me boa, e, como a bibliotheca das Cigarras fica ao pé da minha porta, fui passar para alli oito dias.

E' uma bibliotheca maravilhosa, admiravelmente montada, aberta aos poetas dia e noite, e servida por bibliothecarios que nos tocam musica constantemente. Passei alli alguns dias deliciosos, e, depois d'uma semana de investigações — de barriga para o ar — acabei por descobrir o que queria, isto é, a historia da minha mula e d'este famoso coice guardado durante sete annos. O conto é bonito, ainda que um pouco ingenuo, e vou procurar contar-lh'o tal qual o li hontem de manhã, n'um manuscrito da côr do tempo, cheirando muito a alfazema...

Quem não viu Avignon no tempo dos Papas, nada viu em sua vida. Em alegria, folguedo, animação, brilho de festas, nunca nenhuma outra cidade lhe passou adiante. Era desde pela manhã

até á noite procissões, peregrinações, ruas cobertas de flores, cardeaes que chegavam pelo Rhodano, bandeiras ao vento, galeras engrinaldadas, os soldados do Papa cantando latin pelas praças, as matracas dos frades que pediam esmola; depois, em todos os andares das casas que se apinhavam em volta do grande palacio papal, como abelhas em volta d'um cortiço, o tictac dos teares de rendas, o vae-vem das machinas bordando a ouro das casulas, os martelinhos dos cinzeladores de galhetas, as cantigas das urdidoras; — e ainda por cima o ruido dos sinos, e sempre os sons dos tamboris que se faziam ouvir, lá ao fundo, do lado da ponte. Por



Coronel Ribeiro chefe do estado maior dos exercicios, acompanhado dos seus ajudantes, junto ao moinho de Sulla

que, pelos meus sitios, quando o povo está contente é necessario que elle danse, que elle danse; e como por estes tempos as ruas da cidade eram muito estreitas para a *farandola*, pifanos e tamboris postavam-se sobre a ponte de Avignon, ao vento fresco do Rhodano, e dia e noite levava-se a dançar, levava-se a dançar... Ah! o bom tempo, o tempo feliz! a feliz cidade! Allabardas que não feriam; prisões do estado onde se mettia o vinho, para refrescar! Nunca intrigas; guerras tão pouco!... Eis como os Papas sabiam governar o seu povo; e ahí está porque o povo tanto sentiu o fim dos Papas!...

Havia sobretudo um, um bom velho, que se chamava Bonifacio... Oh! quantas lagrimas não correram em Avignon quando elle morreu! Era um principe tão amavel, tão bondoso; sorria-vos tão bem de cima da sua mula, e quando se passava ao pé d'elle, — ainda que fosse um pobre caçador ou um grande personagem da cidade, — deitava sempre a benção tão polidamente! Um verdadeiro Papa d'Yvetot, mas d'um Yvetot, da Provença, tendo o que quer que fosse de fino no riso, um raminho de manjerona no barrete, e nada de distrações... A unica distração que se lhe conhecia, a este bom padre, era a sua vinha, — uma pequena vinha que elle mesmo tinha plantado, a tres leguas d'Avignon, nos myrtes de Châteauneuf.

Todos os domingos, depois das orações, o digno homem ia-lhe fazer a côrte, e quando estava lá em cima, sentado ao bom sol, a mula ao lado d'elle, os seus cardeaes em volta, estendidos aos pés das côpas, mandava então desenvolver um frasco de vinho da sua colheita — este bello vinho côr de rubi que depois se ficou chamando o Château Neuf-dos-Papas, — e saboreava o a pequenos goles



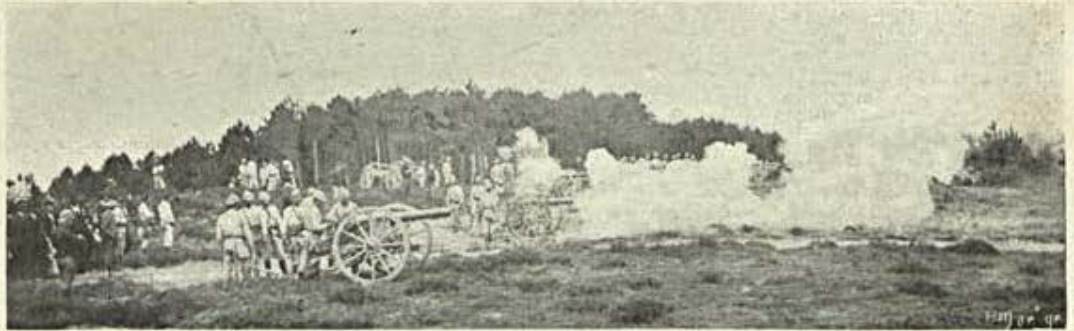
Nas margens do Criz. — Viatura de engenharia com material para a ponte



Antes da missa campal. — O Senhor Bispo Conde paramentando-se

olhando para a vinha com um ar enternecido. Depois, o frasco vasto, já ao cair do dia, entrava alegremente na cidade, seguido de todo o seu capitulo; e, quando passava pela ponte de Avignon, por entre os tambores e as *farandolas*, a mula, aquecida pela musica, começava a pavo- near se, enquanto que elle lhe marcava o passo de dança com o seu barrete, o que muito escandalisava os senhores cardeaes, mas obrigava a dizer a todo o povo: "Ah! o bom principe! Ah! o bom papa!",

Depois de sua vinha da Château-Neuf, o que o Papa mais amava n'este mundo, era a sua mula. O santo homem tinha uma paixão pelo animal. Todas as noites, antes de se deitar, ia ver se a cavallariça estava bem fechada, se nada faltava á mangedoura, e nunca se levantou da meza sem mandar preparar na sua frente uma grande tijella de vinho á franceza, com muito assucar e aromas, que elle mesmo lhe ia levar, apesar das observações dos cardeaes... E' necessario tambem que se diga



No alto de Sulla. — Bateria de artilharia 2

com o animal, eis que o meu Tistet se aproxima, e lhe diz enguendo as mãos com ar de espanto:

— "Oh! meu Deus! Santo Padre, que bella mula que tem!... Deixe-me olhar um bocadinho para ella... Ah! sr. Papa, que linda mula!... O imperador d'Allemanha não tem uma igual."

E fazia-lhe festa, e falava-lhe docemente como se falasse a uma menina:

— "Ande para aqui, meu amor, meu thesouro, minha perola!"

E o bom Papa, todo commovido, dizia comsigo:

— "Que bom rapazinho!... Como é amavel com a minha mula!"

E depois, no dia seguinte, querem saber o que succeder?

Tistet Vedène trocou a velha jaqueta amarella por uma bella alva de rendas, uma opa de seda cõr de violeta, sapatos de fiavela, e entrou para o cortejo do Papa, para onde antes d'elle nunca tinham ido senão os filhos de nobres e sobrinhos de cardeaes... Ahi está o que é a intriga!... E não ficou por aqui o amigo Tistet.

Uma vez ao serviço do Papa, o brejeiro continuou com o mesmo jogo que tanto lhe servira. Insolente com todos, não tinha attensões nem deferencias senão para com a mula, e sempre o encontravam pelos pateos do palacio com um punhado d'aveia ou um mólho de palha, sacudindo-se e olhando para a varanda do Santo Padre, com o ar de quem diz "Hein!... para quem é isto?..."

Tanto se ensinuou, que por fim o bom do Papa, que já se sentia velho, chegou a confiar-lhe o cuidado de vigiar pela cavallariça e de levar á mula a sua tijella de vinho á franceza, o que não fazia rir os proprios cardeaes...



Grupo de tricanas, assistindo ás manobras

Nem tam pouco a mula: o caso não a fazia rir... Agora, á hora do seu vinho, via sempre chegar cinco ou seis meninos do côro que logo se deitavam pela palha com as opas e as rendas; depois, passado um momento, um bom cheiro quente de caramelo e d'aromas enchia a cavallariça, e Tistet Vedène apparecia trazendo com precaução a tijella do vinho á franceza. Começava então o martyrio do pobre animal.

Este vinho perfumado que tanto amava, que a aquecia tanto, que lhe dava azas, tinham a crueldade de o trazer para ali, para a sua mangedoura, de lh'o dar a cheirar; mas depois, depois de a torturarem, era uma vez a tijella! O bello licor de chamma côr de rosa ia-se todo pelas guelias d'esses patifes... Se apenas se limitassem a roubar-lhe o vinho, vá; mas eram uns vivos demonios depois de beberem todos aquelles meninos do côro!... Um puchava-lhe pelas orelhas, outro pela cauda; Quiquet trepava lhe para cima do lombo, Beluguet via-se o barrêto lhe servia, e nenhum d'estes gaiatos se lembrava de que, com um coice, ou mesmo um safanão, o bravo animal podia mandar os todos para a estrella polar, e mesmo para mais longe.

Mas não! Não se é impunemente mula de Papa, a mula das benções e das indulgencias... Os rapazes podiam fazer o que quizessem, não se zangava; e só quem ella não podia ver era Tistet Vedène... Esse, quando o sentia por detraz, até as patas lhe mordiam, e na verdade tinha razão. Este bandido do Tistet fazia-lhe tantas máldades! inventava taes torturas quando a levava a beber!

Então um dia não se lembrou de a fazer subir com elle para a torre da igreja, lá para cima, lá muito para cima, mesmo no alto do palacio... E o que lhes digo aqui não é uma invenção: duzentos mil provençaes o viram. Imaginem o terror d'esta desgraçada mula! depois de ter andado ás cegas n'uma escada em caracol e trepado



clichê de João Santos.

Almoço intimo no hotel do Bussoco

não sei quantos degráus, ver-se de repente n'um terraço deslumbrante de luz, e a mil pés abaixo d'ella ver um Avignon phantastico, as barracas do mercado tão grandes como nozes, os soldados do Papa diante da caserna como formigas encarnadas, e lá ao fundo, sobre um fio de prata, uma ponte microscopica onde se dançava, onde se dançava... Ah! o pobre animal! que terror! Tamanho gemido soltou, que até tremeram todos os vidros do palacio.

— "O que é que aconteceu? o que é que lhe fizeram?", exclamava o bom Papa precipitando-se para a varanda.

Tistet Vedène estava já no pateo, fingindo que chorava e puchando pelos cabellos:

— "Ai, sr. Santo-Padre, o que aconteceu!... E' a sua mula... Meu Deus! o que vae ser de nos?... E' a sua mula que subiu para a torre..."

— "Sósinha???"

— "Sim, sr. Santo-Padre, sósinha... Queira olhar lá para cima... Não lhe vê as orelhas?... Parecem duas andorinhas!..."

— "Misericórdia! — exclamou o pobre Papa erguendo os olhos... Mas erdoideceu! Mas vae-se matar!... Desce depressa, desgraçada!",

Que novidade! o que a mula quer é descer...; mas por onde? Pela escada, é escusado pensar em tal: por ali anda se sobe; mas para descer ha occasião para quebrar com vezes as pernas... A pobre mula estava afflicta, e, olhando em torno da plataforma com os grandes olhos cheios de vertigem, ia pensando em Tistet Vedène:

— "Ah! bandido, se eu escapo... que coice que tu apanhas amanhã de manhã!",

Esta ideia do coice dava-lhe alma ás pernas; se assim não fosse não se teria podido aguentar com tamanho susto... Por fim chegaram a tirá-la lá do cima, mas tudo isto foi um trabalho enorme. Foi preciso descê-la com uma roldana, cordas e padiolas. E imaginem que humilhação para a mula d'um Papa ver-se suspensa d'esta altura, nadando com as patas no vacuo, como um besouro no extremo d'um fio! E Avignon inteiro que olhava para ella!...

O desgraçado animal não dormiu n'essa noite. Parecia-lhe sempre que andava á volta d'esta máldicta plataforma, com os risos da cidade por baixo. Depois, pensava n'este infame Tistet Vedène e no lindo coice que havia de apanhar na manhã do dia seguinte. Ah!



clichê de João Santos.

No alto do Vallongo — Assistindo á defeza do Criz



Cliché de João Santos

No alto de Sulla. — Assistindo ao ataque da posição

meus amigos que coice! Ha-de-se ver a fumaça cinco leguas em redondo...

Ora enquanto lhe preparavam esta bella recepção na cavalleria, sabem o que fazia Tistet Vedène? Descia o Rhône cantando sobre uma galera papal, e ia para a côrte de Napoles com o bando dos rapazes nobres que a cidade mandava, todos os annos, para junto da rainha Joanna, aprender diplomacia e exercitar-se nas boas praticas. Tistet não era nobre; mas o Papa queria recompensal-o pelos cuidados que sempre dispensara ao animal, e principalmente pela actividade com que andára no famoso dia da descida da torre...

Foi a mula que ficou desapontada no dia seguinte:

— "Ah! o bandido! recebeu alguma... pensou a mula sacudindo os guisos com desesperação...; mas deixa estar, meu malvado, que não as perdes! A' volta encontrarás o teu coice...; eu t'o guardarei!!

E guardou-l'h'o.

Depois da partida de Tistet, a mula do Papa voltou aos seus habitos de vida tranquilla, aos seus gosos d'outr'ora. Foi-se Quiquet, foi-se Beluguet da cavalleria. Voltaram os bellos dias do vinho á franceza, e com elles o bom humor, as longas sestas e gingar o seu bocado quando passava sobre a ponte d'Avignon. Contudo, desde a famosa aventura, notavam-lhe na cidade uma certa frieza. Havia segredinhos pela estrada; os velhos abanavam a cabeça, os novos riam apontando para a torre. O proprio Papa já não tinha confiança na sua companheira, e, quando se deixava adormecer sobre o lombo da mula, aos domingos, ao voltar da vinha, nunca o abandonava esta idea: "E se eu vou acordar lá em cima, sobre a plata-formal. O animal via isto, e soffria, sem dar palavra; sómente, quando pronunciavam o nome de Tistet Vedène na sua frente, as grandes orelhas tremiam-lhe, e, com um sorriso, amolava as ferraduras sobre o lagêdo...

Assim se passaram sete annos; depois, ao cabo d'estes sete annos, Tistet Vedène voltou da côrte de Napoles. O seu tempo ainda não tinha acabado; mas como soube que o mostardeiro-mór do Papa tinha morrido subitamente em Avignon, e, como o logar lhe parecesse bom, chegou a toda a pressa para se propôr.

Quando este intrigante do Vedène entrou na sala do palacio, o Santo-Padre custou-lhe a reconhecer-l'o,

timo!... Vinha-lhe pedir o logar do mostardeiro-mór que acaba de morrer.

— "Tu, mostardeiro-mór!... E's muito novo. Que idade tens?,"

— "Vinte annos e dois mezes, illustre pontifice, cinco annos mais velho que a sua mula... Ai! meu Deus! que excellente animal! Se soubesse como eu gostava da sua mula... como eu a amava... como tive tantas saudades d'ella em Italia!... Não a poderei ver?,"

— "Ora essa, meu filho, has de vê-la, exclamou o bom Papa todo commovido... E como tu gostas tanto d'este bello animal, nunca mais has de viver longe d'elle. A partir de hoje ficas sendo mostardeiro-mór... Os meus cardeaes vão gritar, mas pouco me importa! já estou habituado... Vem ver nos amanhã, á saída das vesperas: nós te daremos as insignias do teu gráu em presença do nosso capitulo, e depois... levo-te a ver a mula. Depois virás comnosco á vinha... hé! hé! Vae, meu rapazinho, vae..."

Se Tistet Vedène estava contente ao sair da grande sala, e se com impaciencia esperou a cerimonia do dia seguinte, não preciso de o dizer. Mas havia em palacio alguém ainda mais feliz e mais impaciente do que elle: era a mula. Desde a volta de Vedène até ás vesperas, o terrivel animal não cessou de se encher d'aveia e de atirar coices contra a parede. Tambem ella se preparava para a cerimonia...

Ora pois, no dia seguinte, quando as vesperas foram ditas, Tistet Vedène fez a sua entrada no pateo papal. Todo o alto clero estava lá, os cardeaes de saias vermelhas, o advogado do diabo ves-



Cliché de João Santos

Nas vesperas das manobras. — No jardim do Mosteiro

tido de veludo preto, os abbades do convento com as suas mitras, os thesoureiros de Santo-Agrico, as opas cõr de violeta do cõro, o baixo clero tambem, os soldados do Papa em grande uniforme, as tres confrarias de penitentes, os eremitas do monte Ventour com as phisionomias ferozes e o sacristão que segue atraz com a campainha, os frades flagellantes, nús até á cintura, os sacristas com saias de juizes, todos, todos, todos, até os que dão agua-benta á porta da egreja, e o que accende, e o que apaga: não houve um só que faltasse... Ah! era uma bella ordenação! Sinos, foguetes, sol, musica, e sempre estes furiosos tamborins que dirigiam a dança, lá ao fundo, sobre a ponte d'Avignon...

Quando Vedène appareceu no meio da assembleia o seu desembaraço e a sua bella presença fizeram correr um murmúrio d'admiração. Era um magnifico provençal, mas dos louros, com grandes cabellos encaracolados nas pontas, e uma barba lindissima que parecia feita dos fios do fino metal cahidos do buril de seu pae, o escultor d'ouro. O boato corria que por esta barba loura tinham passado algumas vezes os dedos da rainha Joanna: e o sr. de Vedène tinha com effeito o ar glorioso e o olhar distraido dos homens que as rainhas amaram... N'esse dia, para honrar a sua nação, tinha substituído os seus fatos napolitanos por uma jaqueta á provençal bordada a cõr de rosa, e no chapéu tremia uma penna d'ibis da Camarga.

Apenas entrou, o mostardeiro-mór cumprimentou com um ar galante, e dirigiu-se para o alto patamar, onde o Papa o esperava para lhe entregar as insignias do grau: a colher de buxo amarello e a casaca cõr de açafraõ. A mula estava ao pé da escada, toda ajaezada e prestes a partir para a vinha... Quando lhe passou ao lado, Tistet Vedène teve um bom sorriso, e parou para lhe dar duas ou tres palmadas amigas sobre o lombo, olhando de lado para ver se o Papa o via. A posição era boa... A mula preparou-se, decidida.

— "Ora apanha, bandido! Ha sete annos que eu t'o guardo!". E descarregou lhe um coice tão terrivel, tão terrivel, que cinco leguas em redondo se viu a fumaça, um turbilhão de fumaça loura onde voltejava uma penna d'ibis; tudo quanto restava do infeliz Tistet de Vedène!

Os coices das mulas, em geral, não são tão fulminantes; mas



No alto do Sullá. — SS. MM. e officiaes, assistindo aos exercicios

esta era uma mula papal; e de j'ois, pensem n'isto! tinha-o de reserva ha sete annos.

Não quero que haja um mais bello exemplo de odio ecclesiastico!

ALPHONSE DAUDET.

Toda a mulher que escreve sem pudor, é porque vive do mesmo modo.

✕

A litteratura era outr'ora uma arte, e a finança um officio; hoje é o contrario.

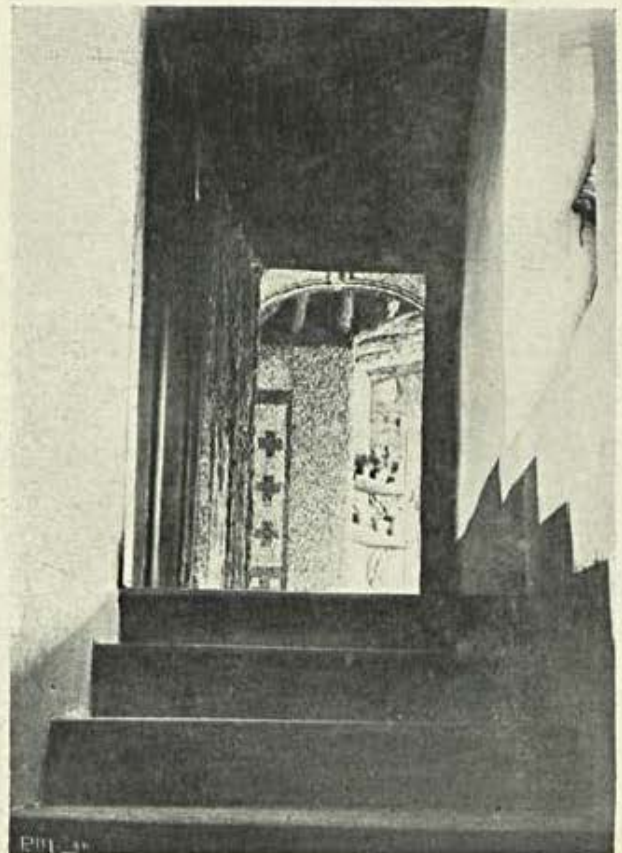
✕

A sciencia é para aquelles que aprendem; a poesia para aquelles que sabem.

PABRE JOSEPH ROUX.



Wellington, general em chefe do exercito alliado



O quarto de Wellington no convento do Bussaco



Bussaco — *A ermidinha de S. João*



Bussaco — *O estabelecimento hydroterapico e o Casino do Luso*

Escola Pratica de Cavallaria

EM TORRES NOVAS

27 e 28 de agosto de 1904

Muito interessantes os exercicios e corridas realisadas na pittoresca villa de Torres Novas, e que o *Brasil-Portugal* hoje reproduz pela photogravura. A Escola Pratica de Cavallaria é hoje um importantissimo estabelecimento de instrucção militar pelos melhoramentos ali introduzidos e pelos resultados que de anno para anno o acreditam.

No periodo de paz podre que atravessamos o soldado portuguez, enervado no *tam tam* da caserna, perdera pouco a pouco a noção dos



Exercicios na Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas a 27-8-904
O aspirante Ferreira e Silva, no jogo da rosa

grandes impulsos patrioticos que enchem a nossa historia. A nova maneira de orientar a educaçao militar trouxe o despertar de estímulos que haviam adormecido atraz das procissões e em serviços de policia.

Accentua se dia a dia o garbo, o asseio, e a disciplina do nosso soldado com a direcção intelligente dos chefes que vão substituindo o velho official extraído da tarimba.

Muito se tem feito; muito ha que fazer ainda. No emtanto o pro-

gresso accentua-se, o que se deve em grande parte ao actual ministro da guerra, que rapidamente tem conseguindo levantar o nivel moral do exercito portuguez — exercito da paz, é certo, mas que no momento preciso saberá, como sempre, honrar as suas tradições de glorias passadas.

Não descreveremos aqui, nem o espaço de que dispomos o permite, o que foram os exercicios da Escola Pratica de Cavallaria. Limitamo-nos a indicar o seu programma, acompanhando-o de algumas gravuras do aspecto, instantaneamente photographados por um dos nossos colaboradores artisticos, o sr. Benoliel.

Eis o programma, brilhantemente executado por officiaes, aspirantes e sargentos:

1.ª prova do campeonato do cavallo de guerra (trabalho no pica-deiro). Escola de equitação por aspirantes. Salto entre pilões por aspirantes. Telegraphia optica (transmissão de noite) por aspirantes e sargentos.

2.ª prova do campeonato do cavallo de guerra (execução da marcha itineraria). Exercício de tactica applicada. Apresentação de trabalhos de gabinete, Equitação pelos officiaes do curso d'aperfeiçoamento. Alta escola. Jogo da rosa por aspirantes. Esgima de florete, sabre e espada.

3.ª exercicio de telegraphia electrica e optica por aspirantes e sargentos, 3.ª prova do campeonato do cavallo de guerra (salto no hipodromo).

4.ª corridas de cavallo no Entroncamento. 1.ª corrida de aspirantes, premio da Escola. 2.ª corrida de officiaes do curso de aperfeiçoamento, premio da Direcção Geral dos Serviços de Cavallaria. 3.ª officiaes de cavallaria, premio do Ministerio da Guerra. 4.ª campeonato das corridas, premio de suas magestades e altezas.

Crystaes intimos

Bem como as gotas de agua transparente
Filtrando pela terra, anceadas, ternas,
Vão regumar doridas, mansamente,
Na palpebra sombria das cavernas,

E das negras abobadas suspendem
Stalactites immensas de crystal,
Onde os archotes pavidos acendem
Fulgurações d'um brilho excepcional;

Assim tambem as lagrimas que choras,
Cada vez que o dever manda ausentar-me,
Infiltram-se me limpidas, sonoras
Nos concavos da alma... e vem formar-me

Columnatas ideaes, extravagantes,
Architecturas mysticas da Dór,
Onde inflamma scentelhações brilhantes
A diamantina luz do nosso amor,

ABEL ACACIO



Exercicios da Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas a 27-8-904
No alto de Vargas — El-rei, o Principe Real e Ministro da Guerra



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria em Torres Novas a 27-8-904
Um grupo de officiaes e aspirantes, egrimistas



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria em Torres Novas a 28-8-904
O tenente Costa na 2.ª prova do campeonato



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria em Torres Novas a 27-8-904
O tenente Hintze Ribeiro, unico official de artilheria que concorreu ao campeonato em que ficou vencedor na 2.ª prova de resistencia



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria em Torres Novas a 28-8-904
O tenente Costa, saltando



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria em Torres Novas a 28-8-904
O alferes Ramos, vencedor nas corridas, que recebeu o premio de El-Rei



Exercício na Escola Prática de Cavallaria em Torres Novas a 28-8-904
Aspecto das tribunas no hippodromo



Exercícios na Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas a 27-8-904 — Um grupo de officiaes

O cirurgião do barco

O lugre *Trinô*, carregado de trigo, levantou ferro caminho da Dal nacia ao cair da noite. Deslisou mansamente no rio tranquillo, por entre os barcos de Ortora ancorados em fila, enquanto aqui e além, na praia, começavam a brilhar os clarões das fogueiras e os recémchegados marinheiros cantavam. Transpondo vagarosamente a barra estreita, fez-se ao mar.

Era sereno o tempo. No céu de outubro, quasi a roçar a extrema da agua, suspensia-se cheia a lua como uma doce lampada rosada. Para traz as montanhas e collinas, distanciando-se, tomavam fórmãs caprichosas de mulheres preguiçosamente recostadas. Por cima os patos bravos passavam silenciosamente e desapareciam ao espaço.

Os seis homens e o moço de bordo manobraram primeiro a um tempo para apanhar o vento de feição. Depois, como as velas começassem de enfumar-se á aragem branda, todas coloridas de vermelho e pintalgadas de imagens rudes, os seis assentaram-se e começaram a fumar tranquillamente. Cavalgando a prôa, o moço poz-se a cantarolar uma canção da patria.

O mais velho dos Talamontes, cuspindo com força para o mar e abocando de novo o glorioso cachimbo, rosnou:

— Não se aguenta, o tempo.

A' prophesia todos relancearam ao largo o olhar perscrutador;



Exercícios na Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas a 28-8-904
S. A. o Príncipe Real e o capitão Atvim



Exercícios na Escola Pratica de Cavallaria em Torres Novas a 28-8-904 — O esquadrão de Cavallaria, commandado pelo capitão Chaves, em continencia

e quedaram-se silenciosos. Eram rudes marinheiros, temperados nas asperezas do mar. Haviam ido já d'outras vezes ás ilhas dalmaticas, e a Zara, a Trieste, a Spalatro; conheciam o caminho. Recordavam alguns tambem, com doçura, o vinho de Dignano — perfumado como as rosas — e os fructos das ilhas.

Era patrão do lugre Ferrante la Selvi. Os dois irmãos Talamonte, Ciri, Massacece e Gialluca compunham a equipagem; todos filhotes de Pescara. Nazareno era o nome do moço.

O brilho claro da lua cheia retinha os sobre a tolda. No mar os barcos dos pescadores aqui e ali pairavam, na rude fauna da pesca. De quando em quando uma companha passava junto ao lugre; e os marinheiros fallavam-se de bordo a bordo, familiarmente. A pesca parecia propicia.

Quando os barcos se afastaram e o mar ficou deserto, Ferrante e os Talamontes desceram a repousar. Massacece e Gialluca, quando acabaram

de fumar, seguiram o exemplo. Ciri permaneceu de quarto.

Gialluca, antes de descer, apontou ao companheiro um ponto do pescoço e disse-lhe:

— O que tenho eu aqui?

Massacece olhou e respondeu:

— Não é nada. Não penses n'isso.

Era uma vermelhidão, semelhante á que produz a ferroada de um insecto, circundando uma pequena borbulha.

Gialluca accrescentou:

— Dóe-me.

Durante a noite mudou o vento, e o mar começou a engrossar. O lugre, balouçado das ondas, derrotava para leste, perdia caminho. Gialluca, na mãoobra, lançava a espaços um



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria, em Torres Novas a 28-8-904. — *El-Rei sobindo da egreja do Carmo*

gemido leve; a cada movimento brusco da cabeça mordia o dor aguda.

Ferrante la Selvi inquiriu: — Que tens?

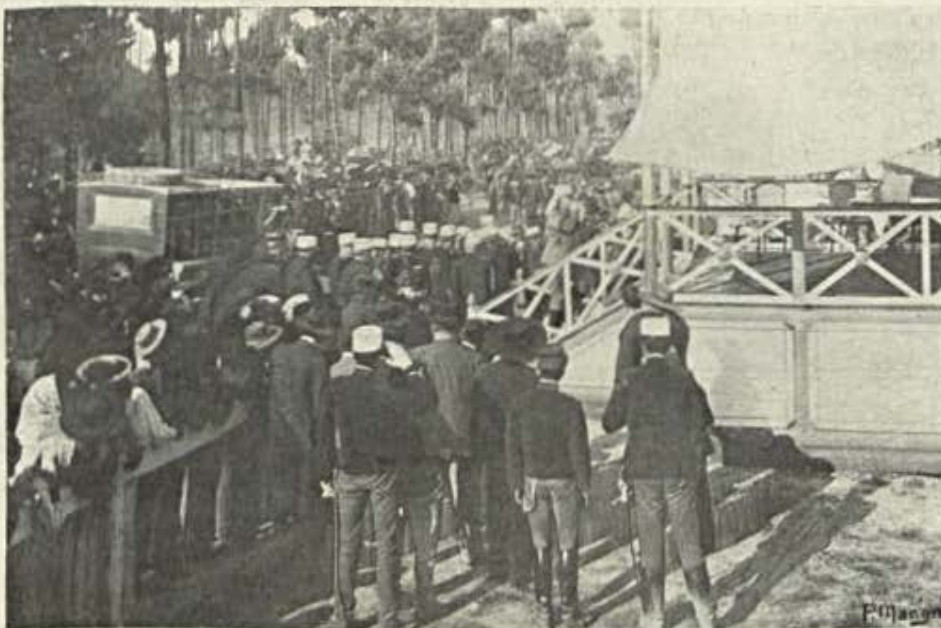
Gialluca, á tenue luz do alvorecer, mostrou-lhe o mal. A vermelhidão alastrára sobre a pelle e no meio aguçava-se um pequeno tumor.

Ferrante, depois de observá-lo, disse também: — Não é nada. Não penses n'isso.

Gialluca pe-



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria, em Torres Novas a 28-8-904. — *Voltando da missa*



Exercícios na Escola Prática de Cavallaria, em Torres Novas a 28-8-904
Aspecto do Hippodromo do Entrocamento á chegada de El-Rei

gou n'um lenço e ligou com elle o pescoço. Depois poz-se a fumar.

O lugre, sacudido das vagas e impellido de vento contrario, continuava correndo para leste. Perdiam-se no fragor do mar as vozes dos marinheiros. As ondas, a espaços, vinham quebrar se sobre a ponte com um som cavo.

Para a noite o vento amainou; e a lua emergia como uma cupula de fogo. Mas como o vento cahisse, o lugre permaneceu inerte quasi na calmaria que o cercava; as velas afrouxaram. Apenas de quando sobrevinha uma aragem passageira.

Gialluca queixava-se das dores. Na inercia forçada os companheiros começaram a prestar-lhe a attenção desocupada. Suggestiam-lhe palliativos varios. Cirú, o mais avançado em annos, lembrou um emplastro de mel e farinha. Colhera alguns conhecimentos therapeuticos na convivencia da mulher que em terra, a par da arte magica, exercia a me-

dicina, e curava os males com drogas e sortilegios. Mas minguavam a farinha e o mel; a bolacha não podia ser efficaz.

Cirú tomou pois uma cebola e um punhado de trigo; pisou o trigo, triturou a cebola e compoz o emplastro. Ao contacto d'aquella mixordia, Gialluca sentiu crescer as dores. Volvida uma hora arrancou do pescoço a ligadura e atirou com tudo ao mar, n'um movimento abrupto de raiva. Para vencer a impaciencia poz-se ao leme e teve por largo tempo o governo da embarcação.

O vento começara a soprar, e as velas palpitavam alegremente. Ao longe uma ilha, que devia ser Pelagosa, surgia na noite clara como uma nuvem pousada sobre a agua.

Ao amanhecer Cirú, que se propuzera agora curar o mal, quiz observar o tumor. A inchação augmentara, occupando grande parte do pescoço, e adquirira uma nova fórma e uma cor mais sombria que no vertice se tornava roxa.

— Quo é isto? — exclamou, perplexo, n'uma voz que fez estremecer o enfermo. E chamou Ferrante, os dois Talamontes, os outros.

GABRIEL D'ANNUNZIO.
Trad. Luiz Ferreira de Castro
(Continúa.)